

c) De conjunto

A filosofia é um tipo de reflexão totalizante, de conjunto, porque examina os problemas relacionando os diversos aspectos entre si. Mais ainda, o objeto da filosofia é *tudo*, porque nada escapa a seu interesse. Por exemplo, o filósofo se debruça sobre assuntos tão diferentes como a moral, a política, a ciência, o mito, a religião, o cômico, a arte, a técnica, a educação e tantos outros. Daí o caráter *transdisciplinar* da filosofia, ao estabelecer o elo entre as diversas expressões do saber e do agir. Desse modo, o avanço da biologia genética desperta a discussão filosófica da bioética; a produção artística provoca a reflexão estética e assim por diante.



PARA SABER MAIS

As áreas de investigação filosófica

Os campos clássicos da investigação filosófica são: Lógica, Metafísica, Teoria do Conhecimento, Epistemologia, Filosofia Política, Ética, Estética. Para saber de sua abrangência, consulte os verbetes no **Vocabulário**, no final do livro.

Existem também inúmeras aplicações da filosofia a áreas específicas do conhecimento. Veja alguns exemplos: filosofia da educação, filosofia da linguagem, filosofia do direito, filosofia da religião, filosofia de cada uma das ciências (filosofia da matemática, da história, da biologia etc.) e assim por diante.

6 Um filósofo

Lembremos a figura de Sócrates. Dizem que era um homem feio, mas que, quando falava, exercia estranho fascínio. Procurado pelos jovens, passava horas discutindo na praça pública. Interpelava os transeuntes, dizendo-se ignorante, e fazia perguntas aos que julgavam entender determinado assunto: “O que é a coragem e a covardia?”, “O que é a beleza?”, “O que é a justiça?”, “O que é a virtude?”. Desse modo, Sócrates não fazia preleções, mas dialogava. Ao final, o interlocutor concluía não haver saída senão reconhecer a própria ignorância. A discussão tomava então outro rumo, na tentativa de explicitar melhor o conceito. Vejamos então esses dois momentos, que Sócrates denominou ironia e maiêutica.



ETIMOLOGIA

Ironia. Do grego *eironeía*, “ação de perguntar, fingindo ignorar”.

Maiêutica. Do grego *maieutiké*, “arte de fazer um parto”.

No sentido comum, usamos a ironia para dizer algo e expressar exatamente o contrário. Por exemplo: afirmamos que alguma coisa é bonita, mas na verdade insinuamos que é muito feia. Diferentemente, para Sócrates, a ironia consiste em perguntar, simulando não saber. Desse modo, o interlocutor expõe sua opinião, à qual Sócrates contrapõe argumentos que o fazem perceber a ilusão do conhecimento.

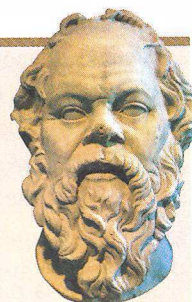
A maiêutica centra-se na investigação dos conceitos. Para tanto, Sócrates faz novas perguntas para que seu interlocutor possa refletir. Portanto não ensina, mas o interlocutor descobre o que já sabia. Sócrates dizia que, enquanto sua mãe fazia parto de corpos, ele ajudava a trazer à luz ideias.

O interessante nesse método é que nem sempre as discussões levam de fato a uma conclusão efetiva, mas ainda assim trazem o benefício de cada um abandonar a sua *doxa*, termo grego que designa a opinião, um conhecimento impreciso e sem fundamento. A partir daí, é possível abandonar o que se sabia sem crítica e atingir o conhecimento verdadeiro.



QUEM É?

Sócrates (c. 470-399 a.C.). Nasceu e viveu em Atenas, Grécia. Filho de um escultor e de uma parteira, Sócrates conhecia a doutrina dos filósofos que o antecederam e de seus contemporâneos. Discutia em praça pública sem nada cobrar. Não deixou livros, por isso conhecemos suas ideias por meio de seus discípulos, sobretudo Platão e Xenofonte. Acusado de corromper a mocidade e negar os deuses oficiais da cidade, foi condenado à morte. Esses acontecimentos finais são relatados no diálogo de Platão, *Defesa de Sócrates*. Em outra obra, *Fédon*, Sócrates discute com os discípulos sobre a imortalidade da alma, enquanto aguarda o momento de beber a cicuta. Na maioria dos diálogos platônicos, Sócrates é o protagonista.



Busto de Sócrates, original grego do século IV a.C.

PETER HORREZ/ALAMY-OTHER IMAGES - MUSEU CAPITOLINI, ROMA

► “Só sei que nada sei”

Em certa passagem de a *Defesa de Sócrates*, na qual se refere às calúnias de que foi vítima, o próprio filósofo lembra quando esteve em Delfos, local em que as pessoas consultavam o oráculo no templo de Apolo para saber sobre assuntos religiosos, políticos ou ainda sobre o futuro.

Oráculo. Resposta da divindade às perguntas feitas pelos devotos.

Lá, quando o seu amigo Querofonte consultou Pítia indagando se havia alguém mais sábio do que seu mestre Sócrates, ouviu uma resposta negativa.

Surpreendido com a resposta do oráculo, Sócrates resolveu investigar por si próprio quem se dizia sábio. Sua fala é assim relatada por Platão:

Fui ter com um dos que passam por sábios, porquanto, se havia lugar, era ali que, para rebater o oráculo, mostraria ao deus: “Eis aqui um mais sábio que eu, quanto tu disseste que eu o era!”. Submeti a exame essa pessoa — é escusado dizer o seu nome: era um dos políticos. Eis, Atenienses, a impressão que me ficou do exame e da conversa que tive com ele; achei que ele passava por sábio aos olhos de muita gente, principalmente aos seus próprios, mas não o era. Meti-me, então, a explicar-lhe que supunha ser sábio, mas não o era. A consequência foi tornar-me odiado dele e de muitos dos circunstantes. Ao retirar-me, ia concluindo de mim para comigo: “Mais sábio do que esse homem eu sou; é bem provável que nenhum de nós saiba nada de bom, mas ele supõe saber alguma coisa e não sabe, enquanto eu, se não sei, tampouco suponho saber. Parece que sou um nadinha mais sábio que ele exatamente em não supor que saiba o que não sei”. Daí fui ter com outro, um dos que passam por ainda mais sábios e tive a mesmíssima impressão; também ali me tornei odiado dele e de muitos outros.⁷

Ao ler essa passagem, podemos entender como a máxima socrática “só sei que nada sei” surgiu como ponto de partida para o filosofar. Podemos então fazer algumas observações:

- Sócrates não está voltado para si mesmo como um pensador alheio ao mundo, e sim na praça pública.
- Seu conhecimento não deriva de um saber acabado, porque é vivo e em processo de se fazer, tendo por conteúdo a experiência cotidiana.
- Guia-se pelo princípio de que nada sabe e, dessa perplexidade primeira, inicia a interrogação e o questionamento de tudo que parece óbvio.
- Ao criticar o saber dogmático, não quer com isso dizer que ele próprio seja detentor de um saber. Desperta as consciências adormecidas, mas não se considera um “farol” que ilumina: o caminho novo deve ser construído pela discussão, que é intersubjetiva, e pela busca das soluções.
- Sócrates é “subversivo” porque “desnorтеia”, perturba a “ordem” do conhecer e do fazer, e por isso incomoda tanto os poderosos.



Em um cântaro ático (séc. V a.C.), a Pítia é consultada por um rei.

Muitas cidades gregas tinham oráculos, nos quais sacerdotisas chamadas de Pítias ou Pitonisas atendiam pessoas que vinham de longe para consultá-las sobre problemas pessoais, de negócios ou de política. Em Delfos, um dos mais importantes oráculos, a Pítia, em transe, ouvia o deus Apolo. Suas respostas eram interpretadas por sacerdotes com palavras sábias, mas às vezes ambíguas.

7 Para não concluir...

Começamos este capítulo com o diálogo em que um camponês pensa que “um filósofo é uma pessoa que não liga para nada”. E terminamos com Sócrates, que, interrogando as pessoas que transitavam pela praça pública, as fazia pensar, o que despertou a ira dos poderosos.

Entretanto, teria o filósofo resposta para tudo? É lógico que não. Vimos que Sócrates faz muitas perguntas, questiona, busca interlocutores a fim de compartilhar e discutir suas indagações. Mas nem sempre esses diálogos chegavam a uma resposta definitiva. Por isso costumamos dizer que a filosofia é a procura, mas não a posse, da verdade.

Pítia. Também chamada Pitonisa. Sacerdotisa que, em transe, proferia a resposta do deus Apolo às perguntas formuladas.

Dogmático. No contexto, saber baseado em crença não justificada, sem questionamentos.

Intersubjetivo. Entre sujeitos, entre diferentes pessoas.

⁷ PLATÃO. *Defesa de Sócrates*. v. II. São Paulo: Abril Cultural, 1972. p. 15. (Coleção Os Pensadores).

casasse por que, e, depois de haver recebido dele todos esses ensinamentos, estaria disposto a não procurar outra classe de causas. Propunha-me também interrogá-lo a respeito do sol, da lua e dos outros astros, para conhecer as causas de suas revoluções, de seus movimentos e de tudo o que lhes acontece e saber por que cada um deles faz o que faz. Porque não podia conceber que, após ter afirmado que a inteligência (o Espírito) os havia criado, pudesse dar-me ele outra causa além dessa que é a melhor e que serve a cada uma, bem como ao conjunto. E senti esperança de que após haver-me ensinado esta causa, em geral e em particular, me ensinasse em que consiste o bem de cada coisa, em geral e em particular. Não teria trocado essa minha esperança por nada. Peguei seus livros com enorme entusiasmo e os li com grande atenção e rapidez, para saber quanto antes a respeito do melhor e do pior de todas as coisas. Porém, assim que li um pouco, vi frustradas essas esperanças, vi que a inteligência não intervinha em nada e que Anaxágoras não dava razão alguma da ordem das coisas, e que a inteligência (Espírito) era substituída pelo espírito (ar), o éter, a água e outras coisas absurdas. Dava-me a impressão de um homem que dissesse: "Sócrates faz tudo o que faz pela inteligência", e que, depois, querendo descobrir as causas das coisas que faço, dissesse que hoje, por exemplo, encontro-me aqui sentado em meu leito porque meu corpo é composto de ossos e nervos, que os ossos, por serem duros e sólidos, são separados por juntas, e que os nervos, que possuem a capacidade de contração e extensão, unem os ossos à carne, e que a pele recobre a uns e outros; que, por serem os ossos e os nervos livres e poderem se estender e contrair, permitem que eu possa dobrar as pernas, e este é o único motivo pelo qual estou sentado desta maneira. Ou, ainda, como explicar-vos a causa de nossa conversação, se eu utilizasse razões tais como a voz, o ar, o ouvido e outras coisas semelhantes e não vos dissesse uma só palavra da verdadeira causa que é esta: os atenienses julgaram que o melhor para eles era condenar-me à morte, e que, pela mesma razão, julgo ser o melhor para mim estar sentado nesta cama e esperar tranquilamente a pena que me impuseram. Juro pelo Cão!

Estes nervos e estes ossos se encontrariam havia muito em Megara ou na Beócia, e teria pensado que isto era o melhor para

eles, se eu não estivesse convicto de que é muito melhor e mais justo permanecer aqui para sofrer o suplício a que me condenou a cidade do que fugir. Aquelas razões me parecem completamente ridículas.

Que se afirme que sem ossos, sem músculos e outras coisas eu não poderia fazer o que julgasse certo, parece-me correto, mas dizer que estes ossos e estes nervos são a causa do que faço e não a minha decisão de que é o melhor, parece-me um enorme absurdo. Porque não se pode estabelecer uma diferenciação clara entre causa e coisa, sem o que a causa nunca seria causa, e é esta coisa que o povo, que sempre age às cegas, toma por verdadeira causa e erradamente lhe dá esse nome. É por isto que alguns envolvem a Terra num redemoinho e a imaginam fixa no centro do universo, outros a consideram uma grande vasilha que tem por base o ar, mas, quanto à força que a dispôs para ser melhor, acreditam ter encontrado um Atlas mais forte, mais imortal e mais capaz de sustentar todas as coisas. E este Bem, o único com capacidade de unir e abranger o todo, consideram vão. Eu almejava ser discípulo de qualquer homem que houvesse podido me ensinar essa causa, mas, como não posso chegar a conhecê-la nem por mim nem por outro, desejás, Cebes, que te conte a segunda tentativa que fiz para encontrá-la?

— Desejo-o ardentemente — respondeu Cebes.

— Cansado de analisar todas as coisas, achei que deveria tomar cuidado para que não me sucedesse o que ocorre aos que observam um eclipse solar. Há quem fique cego por não ter o cuidado de olhar através da água ou por qualquer outro meio a imagem desse astro. Ocorreu-me algo semelhante no espírito e temi perder os olhos da alma se observasse os objetos com os olhos do corpo e se me utilizasse dos sentidos para tocá-los e conhecê-los. Cheguei à conclusão de que deveria me servir da razão e olhar nela a verdade de todas as coisas. Talvez a imagem de que me sirvo não seja totalmente correta, já que nem eu próprio aceito sem ressalvas que a observação ideal dos objetos, que é uma observação por imagens, seja melhor que aquela que provém de uma experiência dos fenômenos. Contudo, será sempre para o lado daquela que tenderei e, a partir de então, supondo a idéia como fundamento, a meu ver mais consistente, julgo verdadeiro

– Sua beleza, no teu dizer, está acima de toda expressão, se é que produz a ciência e a verdade e se é ainda mais belo do que elas. Seguramente não o fazes consistir no prazer.

– Silêncio! – repliquei – mas considera antes a sua imagem da seguinte maneira.

b – Como?

– Confessarás, suponho, que o sol outorga às coisas visíveis, não só o poder de serem vistas, mas ainda a geração, o crescimento e a nutrição, sem ele próprio ser geração.

– Como haveria de sê-lo?

– O mesmo dirás das coisas inteligíveis, que não devem apenas ao bem sua inteligibilidade, mas devem-lhe ainda o ser e a essência, conquanto o bem não seja de forma nenhuma a essência, mas esteja muito acima desta em dignidade e em capacidade.

c Então Glauco bradou de maneira engraçada: – Por Apolo!, eis uma maravilhosa superioridade!

– É tua culpa também! disse-lhe, por que me obrigar a exprimir o meu pensamento sobre o assunto?

– Não te detenhas aí – prosseguiu – mas conclui tua comparação com o sol, se te resta ainda algo a dizer.

– Mas certamente! Ainda me resta muito!

– Não omitas, pois, a menor coisa.

– Penso que omitirei muitas. Entretanto, tudo o que eu puder dizer neste momento, não omitirei de caso deliberado.

– Está certo, respondeu.

d * – Concede portanto, como dizemos, que sejam dois reis, um dos quais reina sobre o gênero e o domínio do inteligível e o outro, do visível⁶⁹: não digo do céu, por medo de que vás pensar que jogo com palavras, como fazem os sofistas⁷⁰. Mas consegues imaginar estes dois gêneros, o visível e o inteligível?

– Imagino, sim.

– Toma, pois, uma linha cortada em dois segmentos desiguais, um representando o gênero visível e outro o gênero inteligível, e secciona de novo cada segmento segundo a mesma proporção⁷¹; terás então, classificando as divisões obtidas conforme o seu grau relativo de clareza

69. I.e., a “Idéia do Bem” e o “Sol”, respectivamente.

70. Platão faz um jogo entre as palavras οὐρανός [uranos] (“céu”) e ὁρατός [horatos] (“visível”).

71. A “Imagem da Linha” ilustra com maior clareza a teoria epistemológica de Platão (em J. Adam, *The Republic of Plato*, v. 2, Cambridge, 1980, p. 65). Ver Figura 1, infra p. 417.

ou de obscuridade, no mundo visível, um primeiro segmento, o das imagens – denomino imagens primeiro as sombras, depois os reflexos que avistamos nas águas, ou à superfície dos corpos opacos, polidos e brilhantes, e todas as representações similares; tu me compreendes?

– Compreendo, sem dúvida.

– Estabelece agora que o segundo segmento corresponde aos objetos representados por tais imagens, quero dizer, os animais que os circundam, as plantas e todas as obras de arte.

– Fica estabelecido – respondeu.

– Consentes também em dizer – perguntei – que, com respeito à verdade e a seu contrário, a divisão foi feita de tal modo que a imagem está para o objeto que ela reproduz como a opinião está para a ciência?⁷²

– Consinto na verdade.

– Examina, agora, como é preciso dividir o mundo inteligível.

– Como?

– De tal maneira que para atingir uma de suas partes a alma seja obrigada a servir-se, como de outras tantas imagens, dos originais do mundo visível, procedendo, a partir de hipóteses, não rumo a um princípio, mas a uma conclusão; enquanto, para alcançar a outra, que leva a um princípio absoluto, ela deverá, partindo de uma hipótese, e sem o auxílio das imagens utilizadas no primeiro caso, desenvolver sua pesquisa por meio exclusivo das idéias tomadas em si próprias.

– Não compreendo inteiramente o que dizes.

– Pois bem! voltemos a isso; compreenderás sem dúvida mais facilmente depois de ouvir o que vou dizer. Sabes, imagino, que os que se aplicam à geometria, à aritmética ou às ciências deste gênero, supõem o par e o ímpar, as figuras, três espécies de ângulos e outras coisas da mesma família, para cada pesquisa diferente; que, tendo admitido estas coisas como se as conhecessem, não se dignam dar as razões delas a si próprios ou a outrem, julgando que são claras a todos; que enfim, partindo daí, deduzem o que se segue e acabam atingindo, de maneira conseqüente, o objeto que a sua indagação visava.

– Sei perfeitamente disso – respondeu.

– Sabes, portanto, que eles se servem de figuras visíveis e raciocinam sobre elas, pensando, não nestas figuras mesmas, porém nos originais que reproduzem; seus raciocínios versam sobre o quadrado em si e a diagonal em si, não sobre a diagonal que traçam, e assim no restante; das coisas que modelam ou desenham, e que têm suas

72. I.e., AC está para CB.

511 a sombras e reflexos nas águas, servem-se como outras tantas imagens para procurar ver estas coisas em si, que não se vêem de outra forma exceto pelo pensamento⁷³.

– É verdade.

– Eu dizia, em consequência, que os objetos deste gênero são do domínio inteligível, mas que, para chegar a conhecê-los, a alma é forçada a recorrer a hipóteses: que não procede então rumo a um princípio, porquanto não pode remontar além de suas hipóteses, mas emprega, como outras tantas imagens, os originais do mundo visível, cujas cópias se encontram na seção inferior, e que, relativamente a estas cópias, são encarados e apreciados como claros e distintos.

b – Compreendo que o que dizes se aplica à geometria e às artes da mesma família⁷⁴.

– Compreende agora que entendo por segunda divisão do mundo inteligível a que a própria razão atinge pelo poder da dialética, formulando hipóteses que ela não considera princípios, mas realmente hipóteses, isto é, pontos de partida e trampolins para elevar-se até o princípio universal que já não pressupõe condição alguma; uma vez apreendido este princípio, ela se apega a todas as consequências que dele dependem e desce assim até a conclusão, sem recorrer a nenhum dado sensível, mas tão-somente às idéias, pelas quais procede e às quais chega.

c – Compreendo-te um pouco, mas não suficiente, pois me parece que tratas de um tema muito árduo; queres distinguir, sem dúvida, como mais claro, o conhecimento do ser e do inteligível, que se adquire pela ciência dialética, daquele que se adquire pelo que denominamos artes⁷⁵, às quais as hipóteses servem de princípios; é verdade que os que se aplicam às artes são obrigados a fazer uso do raciocínio e não dos sentidos: no entanto, como nas suas investigações não remontam a um princípio, mas partem de hipóteses, não crês que tenham a inteligência dos objetos estudados, ainda que a tivessem partindo de um princípio; ora, denominas pensamento, e não inteligência, o das pessoas versadas

73. Não fica claro, neste momento, se o termo *διάνοια* significa simplesmente “pensamento” em contraposição à percepção sensível, ou se Platão já o emprega num sentido mais específico (cf. 511d), i.e., a forma de raciocínio matemático (“conhecimento discursivo”) que se contrapõe ao *νοῦς* (“inteligência”).

74. Na linguagem pitagórica, as “artes da mesma família” (*ἀδελφαὶ τέχναι*) são a astronomia e a harmonia (cf. Livro VII, 530d).

75. O termo *τέχναι* (“artes”) era usualmente empregado para designar o conjunto das ciências matemáticas (cf. Platão, *Protágoras*, 318e; *Teeteto*, 145a-b).

na geometria e nas artes semelhantes, entendendo com isso ser este conhecimento intermediário entre a opinião e a inteligência.

– Tu me compreendeste suficientemente – disse eu, – Aplica agora a estas quatro divisões as quatro operações da alma: a inteligência à mais alta, o pensamento à segunda, à terceira a fé e à última a imaginação⁷⁶; e às ordena, atribuindo-lhes mais ou menos evidência, conforme os seus objetos participem mais ou menos da verdade⁷⁷.

– Compreendo – disse ele; – estou de acordo contigo e adoto a ordem que propões.]*

⁷⁶ O termo grego εἰκασία (“imaginação”) deriva de um verbo que significa “fazer uma imagem” (εἰκάζω), e tem, portanto, um sentido mais amplo do que a palavra “imaginação” para nós hoje, que está ligada especificamente a uma faculdade psíquica. Todavia, traduzir εἰκασία por “imaginação” tem a virtude de guardar em português essa relação etimológica com “imagem” (εἰκών), que aqui é importante. É importante ressaltar também que o âmbito da εἰκασία é o da pintura, da poesia, da escultura, e das demais belas artes, como se esclarecerá no Livro x (cf. 595a-601b).¶

⁷⁷ Ver Figura 1, infra p. 417.

ANEXOS

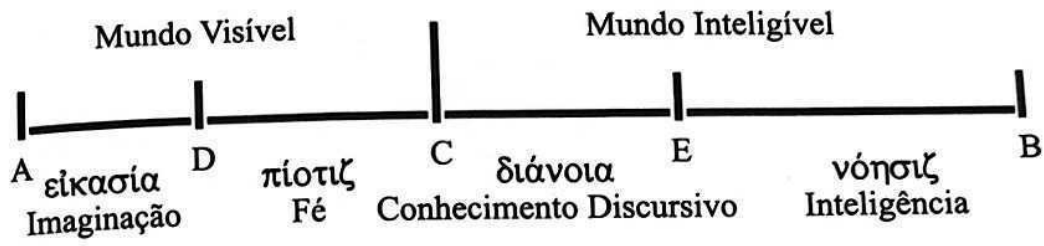


Figura 1

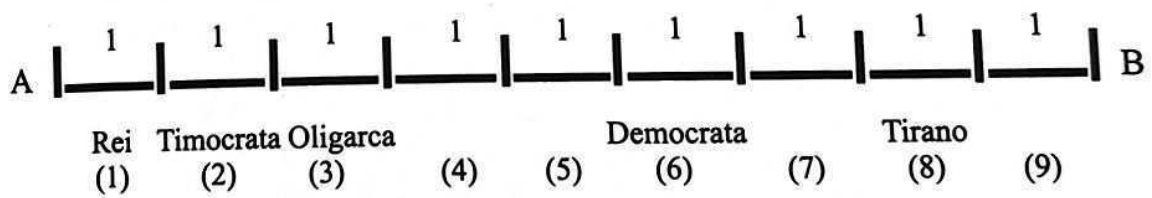


Figura 2

E. Análise de texto da Metafísica

O texto que analisaremos em seguida² é um dos mais famosos de Aristóteles. Consiste na abertura do tratado de *Metafísica*, e contém uma caracterização da concepção aristotélica de saber, entendido em sentido amplo (*gnosis*), de sua possibilidade e importância, de seus diferentes elementos constitutivos e de como a ciência e a filosofia se situam como formas de saber. É um texto, portanto, que pode ser comparado com os textos de Platão que vimos acima, o mito da Linha dividida e a Alegoria da caverna, permitindo-nos estabelecer pontos de contato e de afastamento entre as visões de Platão e de Aristóteles.

Todos os homens têm, por natureza, desejo de conhecer: uma prova disso é o prazer, das sensações, pois, fora até da sua utilidade, elas nos agradam por si mesmas e, mais que todas as outras, as visuais. Com efeito, não só para agir, mas até quando não nos propomos operar coisa alguma, preferimos, por assim dizer, a vista aos demais. A razão é que ela é, de todos os sentidos, o que melhor nos faz conhecer as coisas e mais diferenças nos descobre. (2) Por natureza, seguramente, os animais são dotados de sensação, mas, nuns, da sensação não se gera a memória, e noutros, gera-se. Por isso, estes são mais inteligentes e mais aptos para aprender do que os que são incapazes de recordar. Inteligentes, pois, mas sem possibilidade de aprender, são todos os que não podem captar os sons, como as abelhas, e qualquer outra espécie parecida de animais. Pelo contrário, têm faculdade de aprender todos os seres que, além da memória, são providos também deste sentido. (3) Os outros [animais] vivem portanto de imagens e recordações, e de experiência pouco possuem. Mas a espécie humana [vive] também de arte e de raciocínios. (4) É da memória que deriva aos homens a experiência: pois as recordações repetidas da mesma coisa produzem o efeito duma única experiência, e a experiência quase se parece com a ciência e a arte. Na realidade, porém, a ciência e a arte vêm aos homens por intermédio da experiência, porque a experiência, como afirma Polos, e bem, criou a arte, e a inexperiência, o acaso. (5) E a arte aparece quando, de um complexo de noções experimentadas, se exprime um único juízo universal dos [casos] semelhantes. Com efeito, ter a noção de que a Cálías, atingido de tal doença, tal remédio deu alívio, e a Sócrates também, e, da mesma maneira, a outros tomados singularmente, é da experiência; mas julgar que tenha aliviado a todos os semelhantes, determinados segundo uma única espécie, atingidos de tal doença, como os fleumáticos, os biliosos ou os incomodados por febre ardente, isso é da arte. (6) Ora, no que respeita à vida prática, a experiência em nada parece diferir da arte; vemos, até, os empíricos acertarem melhor do que os que possuem a noção, mas não a experiência. E isto porque a experiência é conhecimento dos singulares, e a arte, dos universais; e, por outro lado, porque as operações e as gerações todas dizem respeito ao singular. Não é o Homem, com efeito, a quem o médico cura, se não por acidente, mas Cálías ou Sócrates, ou a qualquer um outro assim designado, ao qual aconteceu também ser homem. (7) Portanto, quem possua a noção sem a experiência, e conheça o universal ignorando o particular nele contido, enganar-se-á muitas vezes no tratamento, porque o objeto da cura é, de

preferência, o singular. No entanto, nós julgamos que há mais saber e conhecimento na arte do que na experiência, e consideramos os homens de arte mais sábios que os empíricos, visto a sabedoria acompanhar em todos, de preferência, o saber. Isto porque uns conhecem a causa, e os outros não. Com efeito, os empíricos sabem o “quê”, mas não o “porquê”; no passo que os outros sabem o “porquê” e a causa. (8) Por isso nós pensamos que os mestres-de-obras, em todas as coisas, são mais apreciáveis e sabem mais que os operários, pois conhecem as causas do que se faz, enquanto estes, à semelhança de certos seres inanimados, agem, mas sem saberem o que fazem, tal como o fogo [quando] queima. Os seres inanimados executam, portanto, cada uma das suas funções em virtude de uma certa natureza que lhes é própria, e os mestres pelo hábito. Não são, portanto, mais sábios os [mestres] por terem aptidão prática, mas pelo fato de possuírem a teoria e conhecerem as causas. (9) Em geral, a possibilidade de ensinar é indicio de saber; por isso nós consideramos mais ciência a arte do que a experiência, porque [os homens de arte] podem ensinar e os outros não. Além disto, não julgamos que qualquer das sensações constitua a ciência, embora elas constituam, sem dúvida, os conhecimentos mais seguros dos singulares. Mas não dizem o “porquê” de coisa alguma, por exemplo, por que o fogo é quente, mas só que é quente. (10) É portanto verossímil que quem primeiro encontrou uma arte qualquer, fora das sensações comuns, excitasse a admiração dos homens, não somente em razão da utilidade da sua descoberta, mas por ser sábio e superior aos outros. E com o multiplicar-se das artes, umas em vista das necessidades, outras da satisfação, sempre continuamos a considerar os inventores destas últimas como mais sábios que os das outras, porque as suas ciências não se subordinam ao útil. (11) De modo que, constituídas todas as [ciências] deste gênero, outras se descobriram que não visam nem ao prazer nem à necessidade, e primeiramente naquelas regiões onde [os homens] viviam no ócio. É assim que, em várias partes do Egito, se organizaram pela primeira vez as artes matemáticas, porque aí se consentiu que a casta sacerdotal vivesse no ócio. (12) Já assinalamos na *Ética* a diferença que existe entre a arte, a ciência e as outras disciplinas do mesmo gênero. O motivo que nos leva agora a discorrer é este: que a chamada filosofia é por todos concebida como tendo por objeto as causas primeiras e os princípios; de maneira que, como acima se notou, o empírico parece ser mais sábio que o ente que unicamente possui uma sensação qualquer, o homem de arte mais do que os empíricos, o mestre-de-obras mais do que o operário, e as ciências teóricas mais que as práticas. Que a filosofia seja a ciência de certas causas e de certos princípios é evidente.

(In Aristóteles, *Metafísica I*, v. II, São Paulo, 1984.)

Podemos ver de imediato que a visão de Aristóteles do processo de conhecimento é mais linear do que a de Platão. Não há rupturas, nem um processo de desvio e adaptação do olhar como ocorre com o prisioneiro na caverna; ao contrário, trata-se de um processo cumulativo, em que passo a passo progredimos da etapa anterior para a seguinte com base no conhecimento já obtido, cada estágio de certa forma presupondo o anterior:

sensação → **memória** → **experiência** → **arte (técnica)** → **teoria/ciência**
(aisthesis) *(mnemósine)* *(empeiria)* *(téchne)* *(episteme)*